



## **c. i. salvaro**

### bolsa pampulha

Quando e como você iniciou sua produção como artista?

Compreendi que para mim não era necessário um aprofundamento em qualquer técnica, nem a busca de uma linguagem específica, pois cada trabalho exigiria uma demanda. A cada passo, eu refletia sobre o lugar onde o trabalho estava sendo inserido, quais as motivações para sua realização, e a partir disso eu poderia compreender o que seria necessário para realizá-lo. As primeiras experiências aconteceram em salões de arte, no início dos anos 2000, cujo método era analisar os editais e maneiras de agir nas suas brechas.

Você pode falar sobre sua prática de recolher placas e sinais na rua desde que chegou a Belo Horizonte, e como você pensa a relação entre esses objetos recolhidos e alguns dos trabalhos que você apresentou no museu no final da residência?

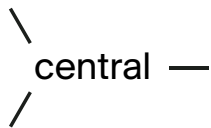
Durante os primeiros meses em que estava em Belo Horizonte, segui um hábito de caminhadas aleatórias pelos bairros que mais me agradavam, buscando alugar algum imóvel para residir na cidade. Encontrei em diversos imóveis alguns objetos abandonados que passei a recolher.

O trabalho "PASSAGEM DE PEDESTRES" é uma reprodução da imagem de uma placa metálica encontrada, a partir da qual foi feita uma tiragem de 2000 cartazes. A aproximação entre a disponibilização e a disposição desse material evoca um atributo de passagem e deslocamento, algo que proporciona a quem possuir o impresso a possibilidade de estabelecer uma indicação de passagem, mesmo que inadequada.

Entre os impressos agrupados no atelier, fixei um cartaz de greve que havia retirado da porta de uma agência bancária, na mesma época em que houve uma série de alterações no quadro de funcionários do Museu. Compreendo a greve como um processo que vai além de uma forma de reivindicação, é um estado de suspensão de qualquer atividade por um período indeterminado, uma pausa. Da mesma forma, visitar uma exposição em um museu pode ser uma interrupção das atividades normais, uma suspensão do tempo. A partir do cartaz recolhido confeccionei um impresso redimensionado para ocupar uma área recuada da fachada do edifício, voltada para o caminho de quem chega ao museu, anunciando esse estado de suspensão.

Qual foi seu interesse ao trabalhar com um painel expositivo que, por um lado, fez parte de uma exposição prévia no museu, e por outro, é um elemento estranho à arquitetura geral do edifício? Como você acha que o recorte e o deslocamento funcionaram no teu trabalho, tanto para constituir a obra "parede" como na construção da instalação da obra "túnel/torre"?

Esse interesse parte de práticas anteriores, nas quais eu intervenho sobre a arquitetura provisória de espaços expositivos, painéis modulares normalmente usados como suporte para apresentação de trabalhos. No MAP, removi metade de um painel, deixando apenas vestígios no teto e chão. Embora a intervenção tivesse grandes dimensões, sua parte visível correspondia ao que sobrou do painel original e indicava a proporção do apagamento da paisagem causado pela parede antes da retirada. No trecho restante efetuei outras extrações



## **c. i. salvaro**

### bolsa pampulha

regulares alinhadas às colunas que estavam ocultas.

Já o trabalho “túnel/torre” surgiu do interesse em estabelecer um espaço reservado para apresentar as imagens que registravam uma torre de telefonia móvel. Havia características de ordem formal que aproximavam os reparos sendo executados na torre à construção do espaço para a apresentação das imagens; ao mesmo tempo, esse ambiente estreito contrastava com a imensidão insinuada pelas imagens. O túnel ocupou uma extensão desativada que servia de passagem entre o auditório e a área de serviço do antigo cassino, agora setor administrativo do museu. No final havia uma pequena fresta que deixava a luz invadir o espaço atingindo diretamente a coluna de aço, refletindo na parede e variando a posição do reflexo de acordo o movimento do sol. Foram utilizadas as chapas de MDF retiradas da parede do mezanino para criar uma parede lateral, junto às janelas, e um teto rebaixado. O resgate de elementos rejeitados é uma característica presente em trabalhos anteriores, mas que aqui pude repensar a partir de um descarte que eu mesmo promovia.

Você vê algum diferença fundamental entre as placas/sinais apresentados no ateliê coletivo durante o ano, e as mesmas apresentadas numa sala interna do museu?

O que distinguia as placas no ateliê era o fato de estarem em um contexto diferente do qual foram retiradas, relacionadas umas às outras por proximidade e refletindo na ocupação do entorno. Nesse sentido, procurei resgatar o aspecto transitório desse ajuntamento na passagem para o museu, apreendendo também o lugar da apresentação uma ante-sala à margem do salão principal que não é utilizada para exposição de arte. São circunstâncias ativadas de maneiras próprias, cada qual com suas peculiaridades, com interesses distintos.

**// Ana Paula Cohen, 2011 - Bolsa Pampulha**